

**Leandro Silveira Fleck**

# JUNHO UM LOBISOMEM JUVENIL

2ª edição

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2023*

## Os bons morrem jovens

Caía uma chuva fina, teimosa e fria quando fiquei sabendo que Mitsa havia morrido num acidente de carro. Engraçado, não senti nada no momento, mas deveria. Ao menos era isso que eu procurava encontrar no meu reflexo no espelho. Escondido da esposa, me encerrei no escritório e procurei em uma caixa uma agenda de 1992. Escrevi com força, destacando aquele nome de origem russa. Era 3 de setembro de 2016. Quando voltei à sala, aticei o fogo na lareira e disse à minha mulher que precisaríamos ir a um velório em Itaqui.

— Eu não vou, vai tu! Me disse ela, sem tirar os olhos da tela do celular. Tu nem deveria ir a Itaqui e nesse velório dessa mulher. Se bem que tu entrou em férias, aproveita.

Não quis retrucar. Virei as costas e voltei ao escritório. Abri uma carta que cheirava a Acqua di Fiori e li, embora soubesse de cor, um trecho de uma das centenas de cartas de Mitsa que eu considerava mais impactante.

*Toda vez que tocar Heaven eu estarei viva. Além disso, enquanto a última pessoa que me conheceu respirar, eu vivo, e pelas lembranças de cada um eu andarei, a passos lentos, ou*

*apressados quando sentir que outro alguém estará recordando um dia em especial ao meu lado. Não sei como será, mas acho que eu me farei do tipo onipresente, perambulando pela memória alheia, talvez mendigando que se lembrem de mim. Serei energia, passando de um para outro como se fosse um choque, um beliscão de alicate no inverno.*

Joguei-me no sofá, esperando que a canção do Bryan Adams começasse a tocar no celular.

Oh thinkin' about all our younger years  
There was only you and me

We were young and wild and free [...]

Mitsa vivia e na minha mente ela surgia linda, caminhando na praça da cidade, com os cadernos saltando de uma mão para outra, deixando suas pegadas nas flores de flamboyant, no encontro das ruas Bento Gonçalves e Osvaldo Aranha. Lembro a primeira vez na qual eu a vi no sítio dos meus avós, testemunhando sem querer e sem alarde a minha transição do mundo de menino com sonhos de super-herói para um projeto de adolescente acometido de apaixonite aguda. É preciso recordar essa passagem infantil da minha vida, mesmo que seja difícil de acreditar no que vou contar, dada a inocência e até mesmo ao trôpego equilíbrio numa verossimilhança lírica e, obviamente, juvenil. Paciência, pois as coisas mais absurdas e mágicas da vida não aparecem nos jornais.



## Daniel na Cova dos Leões

Podiam falar o que quisessem, mas eu havia descoberto quem andava comendo os repolhos da horta da minha vó. O João e o Bruno foram testemunhas medrosas, é claro. Coragem mesmo teve a Mitsa (Sardinha, para os íntimos) que me ajudou nessa aventura. Tudo começou quando fui passar as férias na casa de campo dos meus avós, lá em Itaqui.

Depois dos festejos de Ano Novo de 1990 os meus pais me deixaram lá, junto com a minha irmã Ana Clara. Ela, cheia de si nos seus quatorze anos, passava mais tempo mexendo no diário do que caminhando pelo campo, pela mata ou acompanhando o vô Helinho na pescaria na beira do açude. Eu estava realizado. Poderia brincar o dia todo e, principalmente, me aventurar e assumir a minha identidade secreta: Capitão Xis. O meu uniforme estava estrategicamente escondido e, caso fosse necessário, em poucos minutos eu estaria pronto para salvar o mundo. Quando o cachorro ficou preso num buraco eu soube que era hora de agir, mas graças ao vovô não precisei revelar os meus superpoderes. E quais eram eles? Dentro da minha capa mágica eu levava uma espada, um

laço e uma lanterna. O laço era fortíssimo, segurava até um dinossauro (se eles ainda vivessem). A lanterna, ora, ela iluminava, mas além disso, descobria se o inimigo tinha algo escondido. Quanto à espada, ela servia para me defender, mas só a usaria em último caso.

No sítio, havia uma imensa horta cheia de alface, beterraba, rúculas suculentas, batatas, melancias e repolhos. Enormes, verdes e roxos repolhos. Era divertido ir com a vovó Judithe até lá, mexer na terra, correr os passarinhos mexeriqueiros e colher frutas e verduras. Vovó não cabia em si de felicidade olhando para os imensos canteiros.

Passados alguns dias, resolvi que o Capitão Xis deveria agir, pois ele estava enferrujando. Quando eu vestia aquela roupa amarela, vermelha e com a cabeça verde fosforescente me sentia transformado, dono de superpoderes. Só não havia conseguido voar, ainda. Corria pela ponte do açude, descia a coxilha na minha bicicleta semialada e comia deliciosas ameixas dependurado nos últimos galhos. Quanto à minha irmã, ela perdia um tempão olhando televisão, pois ela adorava assistir novelas e séries, tipo que Rei Sou Eu, Vale Tudo, Juba e Lula e escrever no tal diário. Eu já havia tentado ler o que ela escrevia, mas ele era protegido com um nó encantado que só ela sabia desatar e, mesmo sendo escoteiro, eu não havia aprendido ainda. Além disso, ela escrevia tudo criptografado. Se bem que era uma criptografia boba, fácil de decifrar.

No jantar, a vovó Judithe me falou que receberíamos a visita dum casal, os dois filhos deles e uma sobrinha. Os meninos se chamavam João e Bruno e eram gêmeos, mas tão

gêmeos que chegavam a tontear a gente. Tinham a minha idade, treze anos. Já a menina, chamava-se Mitsa e tinha catorze, quase quinze. Ela era diferente, pois tinha os cabelos de um ruivo cor de sol ao final da tarde, era mais alta do que nós e se vestia que nem mulher feita. Está bem! Confesso que fiquei sem reação, confesso que naquele momento eu sentia pela primeira vez a sensação inebriante do que seria uma paixão. Não sabia o que era paixão, mas eu comecei a pensar mais nela do que no meu cachorro, mais do que na minha missão de salvar o mundo. Daí surgiu o primeiro problema, a primeira implicação moral. Como viver em volta dela, suspirando, sentindo o seu perfume e ao mesmo tempo achar espaço para me aventurar pelo sítio. Havia anotado num caderno cinco missões que deveria cumprir ainda naqueles dias. Cortar uns galhos enormes que estavam ameaçando derrubar uma casa de João-de-barro e abrir um canal para salvar mais alguns peixes presos em uma poça gigante eram algumas delas. Mas se ela me visse fantasiado, correndo pelo campo e me achasse um bocó? Afinal, não é todo mundo que acredita em super-herói.

Naquela primeira noite deles no sítio, o vovô chamou todos para sentar na sala. Ele abriu um livro e começou a ler para nós uma história. A minha irmã, no começo, fingia interesse, mas o vovô era um craque na arte de ler. Encenava, fazia caretas, inventava, teatralizava. Ele lia a história de Helena de Troia, sim Mitsa Helena, o meu nome, disse Sardinha, como ela era chamada pelos primos. A minha atenção era dividida entre o que o vovô lia com entusiasmo e ela. Se

ela ria, eu ria. Se ela gostava, eu completava gostando mais ainda. Era a mulher mais bela do mundo, disse vovô. Fiquei, durante a leitura cheia de efeitos que ele fez, imaginando eu e ela juntos, eu Páris, mas cheio de calcanhares de Aquiles. Eu preferia me jogar aos leões famintos, no meio duma briga feroz a me revelar para ela. E se ela, sem meio-termo, sem script, sem frescura alguma dissesse sim, e me pedisse um beijo? Logo eu, boca virgem, faria o quê? Mal sabem os tolos o que sofri naquela noite.

A minha irmã, também vencida pelo envolvimento que aquela leitura permitia, já havia percebido a minha estratégia juvenil de chamar a atenção. Começou a não gostar de nada que eu dizia, ou a cortar atalho criticando tudo o que Mitsa afirmava. Mitsa levava na brincadeira, ria das intromissões, aparentava não pressentir maldade em nada. Naquela noite, na qual passei quase toda acordado me revirando na cama, jurei que Mitsa seria o único amor da minha vida. Fiquei na dúvida: para vida toda? Exagero? E como seria a minha vida de Capitão Xis? Vencido pelo sono, deixei essas questões emblemáticas para os dias seguintes, pensando que o destino daria um jeito em tudo. Afinal, a minha vovó dizia que com o sono e o destino ninguém briga.

No outro dia, fomos todos pescar. Mitsa pescou três enormes lambaris. Todos pescaram algum peixe, menos eu. De um lado fiquei triste, pois passei a ideia para ela que eu era “sapateiro”, por sua vez, não selei o destino de nenhum peixe. Fiquei com medo de acabar por pescar exatamente um dos peixes que eu havia salvado alguns dias antes. Depois do café





# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2023.

---